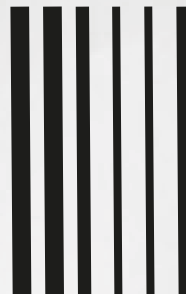
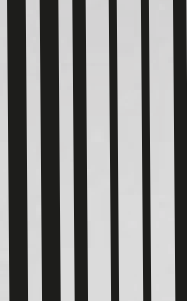


BULA





Reflexões de Um Ser Acumulado

Thaís Cristina

Belo Horizonte
2015

Thaís Cristina Fonseca Xavier

Reflexões de Um Ser Acumulado

Trabalho de Conclusão de Curso
[TCC] apresentado ao Colegiado
de Graduação em Artes Visuais da
Escola de Belas Artes da Universidade
Federal de Minas Gerais, como
requisito parcial para a obtenção do
título de Bacharel em Artes Visuais.

Habilitação: Artes Gráficas
Orientador: Prof. Vlad Eugen Poenaru

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

Agradecimentos

Aos meus pais que sempre estiveram ao meu lado ao decorrer da graduação, me apoiando e incentivando;

A minha irmã Érika, que muito me inspira com sua alegria e força.

Ao meu orientador, Vlad Eugen, pelas orientações e pela formação proporcionada ao longo da graduação. Pelo apoio e por acreditar neste trabalho, e principalmente pela dedicação como professor e pelos ensinamentos;

Aos meus amigos da faculdade, pelas trocas e companheirismo que muito contribuíram em minhas reflexões;

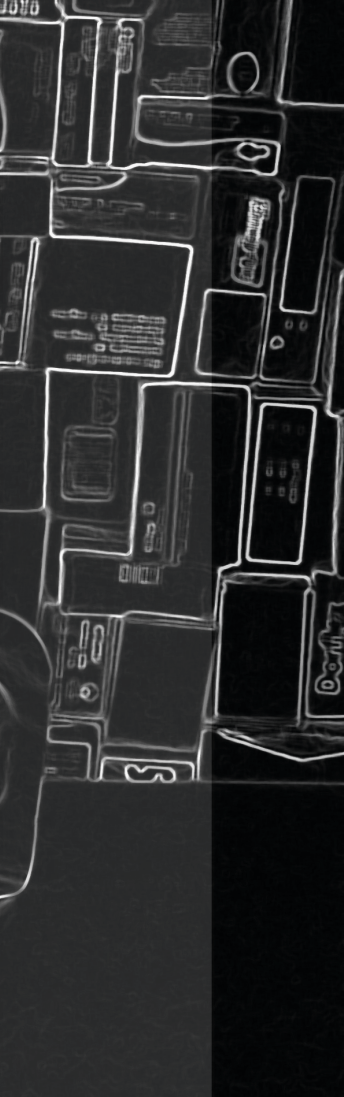
Obrigada.

O despertar de um corpo indisposto.

A pílula desce pela garganta como a primeira refeição do dia, assim começam os rituais cotidianos. Nas ruas, os mesmos semblantes apáticos caminham rapidamente, como se estivessem sempre atrasados. Paredes frias emolduram pequenos recortes de céu. As horas rastejam-se ao longo do dia. Uma pílula para calar os gritos de um copo indisposto. Confortavelmente anestesiado, a cegueira invade o ser. Sem ver, sem sentir, sem dor.

(CRISTINA, Thaisa, 2015)





Introdução -----	6
Princípio Ativo -----	10
Manipulações -----	20
Interações medicamentosas ----- entre o sujeito e a obra	32
Referências -----	36
Lista de imagens -----	37

Introdução

Quem nunca tomou um remédio sequer na vida? Quem nunca indicou aquele remedinho milagroso para o fulano porque sicrano disse que era bom? Quem nunca teve a sensação de estar carregando uma “farmacinha” na bolsa ou montou sua farmacinha-portátil de emergência? São hábitos e costumes comuns no meu cotidiano e, acredito, no de muitas pessoas também. Mas afinal, por que tantos remédios? Por que essa necessidade de medicar tudo hoje em dia? Nesse ritmo acelerado em que vivemos, com excesso de informações e as inúmeras cobranças da vida moderna, perder tempo com a dor está fora de questão. Remediar é mais fácil, prático! E, assim, vamos vivendo, remediando nossas dores e silenciando nossos corpos em prol de demandas

externas, buscando desempenhar com excelência as tarefas cotidianas.

Mas além de tentar silenciar os nossos corpos que gritam por atenção, temos que mantê-los apresentáveis. Além da dor, remediar-se por estética também é comum. Corrigir o que incomoda e o que dizem não ser perfeito é essencial para que nos sintamos bem. Vivemos numa sociedade onde a estetização passou a definir nossas relações com a realidade. Aparentar estar sempre bem: este é o ideal! O cotidiano está impregnado pela preocupação com o glamour, a satisfação e a aparência pessoal. Corrija, acrescente, tire, proteja, cure! A mediatização do bem-estar contemporâneo instaura inconscientemente uma ânsia de tratar toda e qualquer doença com drogas e,

em vez de nos esforçarmos para encontrar a verdadeira raiz dos problemas, nos leva a uma busca imediatista pela felicidade utópica e pela satisfação absoluta.

Apesar de trazer tais questionamentos sobre nossa atual sociedade de consumo, não pretendo aprofundar sobre eles neste texto, apresento apenas como inquietações pessoais que impulsionam a minha criação e abrem caminhos para desdobramentos que surgem dela.

Nesse texto, pretendo refletir sobre os processos pelos quais minha produção artística passa, para melhor compreender as questões fundamentais dos meus trabalhos. A estrutura é simples: farei uma reflexão sobre a minha produção plástica, correlacionando-a ao meu cotidiano, acrescentando as ideias que me ocorrem antes, durante e depois da produção.

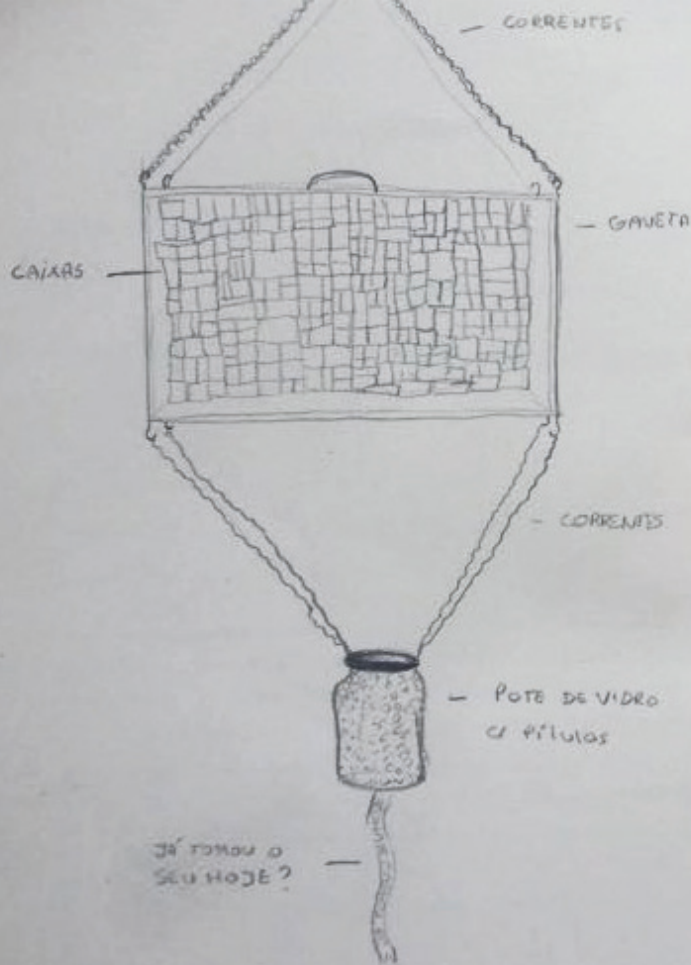


Fig.1

No ato criador, o artista passa da intenção à realização, através de uma cadeia de relações totalmente subjetivas. Sua luta pela realização é uma série de esforços, sofrimentos, satisfações, recusas, decisões que também não podem e não devem ser totalmente conscientes, pelo menos no plano estético. O resultado deste conflito é uma diferença entre a intenção e a sua realização, uma diferença de que o artista não tem consciência.

(DUCHAMP, In: BATTCOCK, 1986, p. 73)



Fig.2

Princípio Ativo

O interesse pelas embalagens e resíduos de medicamentos

Sempre mantive o hábito de planejar as coisas. O meu dia sempre começa com lista de tarefas para concluir. Estar preparada para iniciar o dia significa, para mim, ter tudo planejado e ficar sempre prevenida para as eventualidades do cotidiano. Até pouco tempo atrás, isso incluía ter na bolsa todo tipo de remédio, a famosa “farmacinha ambulante”. Quanto mais medicamentos variados eu tinha, mais me sentia protegida. Mantinha uma prevenção hipocondríaca contra qualquer manifestação do meu corpo que pudesse atrasar a execução das tarefas cotidianas.

Ao passar por um longo período de tratamento com fármacos contra acne severa, por algum motivo, eu ainda guardava as embalagens dos medicamentos que havia consumido. Tive muitos efeitos colaterais e me vi obrigada a consumir outros medicamentos para remediar tais efeitos causados pelo tratamento. Apesar de me sentir péssima e enjoada com a

quantidade de remédios que consumia, ainda assim eu não me desfazia dos dejetos dos medicamentos. Minha gaveta estava cheia de caixas, cartelas vazias e bulas. Algo neles me chamava a atenção. Sentia que precisava dar a eles outra finalidade, não podia simplesmente descartá-los. Via beleza nas cores metálicas das cartelas e na composição das caixas. De alguma forma, estavam ligados a mim, fizeram parte da minha trajetória, da minha história.

A partir daí, passei a prestar mais atenção na rotina de consumo de fármacos da minha família e comecei a acumular os dejetos desse tipo de consumo lá. Por padecer da síndrome Cri-du-Chat e precisar tomar remédios controlados diariamente, minha irmã sempre foi a que mais consumiu medicamentos. Suas doses diárias são administradas por minha mãe. Com o tempo, também passei a ser responsável por esta tarefa. O ato de medicá-la todos os dias, me fez prestar mais

atenção nas suas oscilações de humor e nos efeitos colaterais que apresentava. O curto período, em que passei pelo tratamento estético contra a acne, me fez refletir sobre a rotina de consumo medicamentoso dela. Eu tinha a opção de parar o tratamento, ela, ao contrário, não tem a opção de dizer “não quero mais”. A perda de material genético lhe sentenciou a um ciclo vicioso de consumo de fármacos enquanto viver. Conviver com os efeitos colaterais e tentar amenizá-los fazem parte de sua rotina.

Acredito que o ‘princípio ativo’¹ das minhas inquietações em relação aos dejetos dos fármacos surge daí, do incômodo perante o excesso de consumo diário de medicamentos de minha irmã e dos efeitos colaterais que esse consumo provoca.

¹ Princípio ativo é a substância responsável pelo efeito terapêutico do medicamento em sua composição. Aqui utilizo o termo no sentido de ‘origem’ das inquietações que mobilizaram e mobilizam minha prática artística.

Mesmo quando tudo pede um pouco mais de
calma
Até quando o corpo pede um pouco mais de
alma
A vida não para

Enquanto o tempo acelera e pede pressa
Eu me recuso faço hora vou na valsa
A vida é tão rara

Enquanto todo mundo espera a cura do mal
E a loucura finge que isso tudo é normal
Eu finjo ter paciência
E o mundo vai girando cada vez mais veloz
A gente espera do mundo e o mundo espera
de nós
Um pouco mais de paciência

Será que é tempo que lhe falta pra perceber
Será que temos esse tempo pra perder
E quem quer saber
A vida é tão rara (Tão rara)

Mesmo quando tudo pede um pouco mais de
calma
Até quando o corpo pede um pouco mais de
alma
Eu sei, a vida não para (a vida não para não)

Será que é tempo que lhe falta pra perceber
Será que temos esse tempo pra perder
E quem quer saber
A vida é tão rara (tão rara)

Mesmo quando tudo pede um pouco mais de
calma
Até quando o corpo pede um pouco mais de
alma
Eu sei, a vida é tão rara (a vida não para não...
a vida não para)

("Paciência", de Lenine)

Fig.3



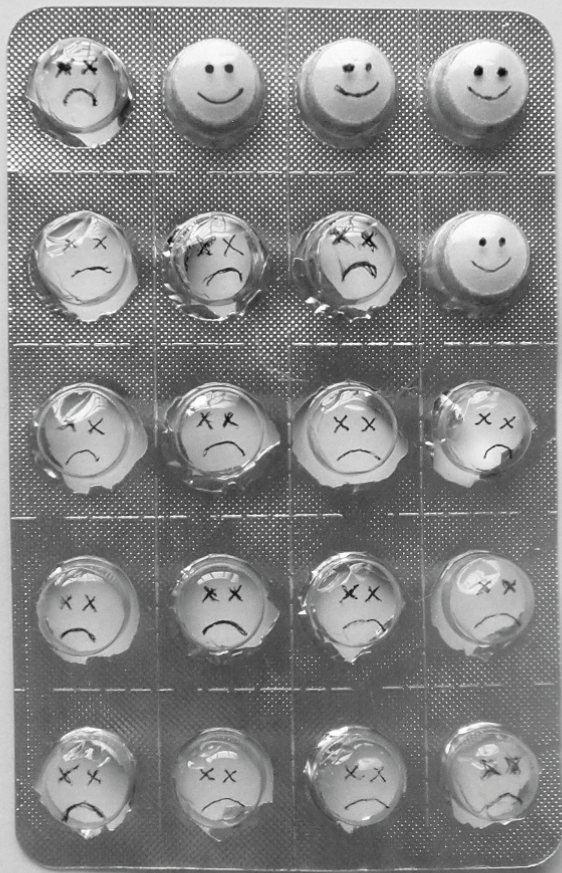


Fig.4

Excessos cotidianos

Percebendo que a origem das inquietações provém de um hábito medicamentoso familiar, surge a seguinte questão: como o meu cotidiano influencia na produção dos meus trabalhos? Para responder tal pergunta, é necessário fazer uma reflexão sobre os costumes e hábitos que percebo, não somente no meu cotidiano familiar, mas também em nossa atual sociedade de consumo. Nesse momento, retomo a seguinte indagação do início do texto: Por que essa necessidade de remediar tudo hoje em dia?

Ouçoo as pessoas, volta e meia, dizendo que a vida está passando muito rápido, que não encontram tempo para mais nada, que o dia voa.... Eu mesma já me peguei dizendo essas coisas! Pois é, como Lenine diz "A vida não para"! Não mesmo! E está cada vez mais aceleranda. Mas um dia continua tendo 24

horas, 1 hora vale 60 minutos e cada minuto ainda tem 60 segundos. Mas há uma sensação generalizada de que não conseguimos fazer tudo que queremos. Falta tempo. O que percebo é um movimento de querer viver em alta velocidade. Talvez a culpa seja daquele monte de “cacarecos” hipervelozes e tecnológicos de última geração que vivemos comprando. Procuramos desempenhar cada vez mais rápido as tarefas cotidianas para ganharmos mais tempo. A consequência dessa ambição para “ganhar” tempo é que estamos cada vez mais com a sensação de perdê-lo. Os resultados? Pressa, ansiedade e frustração por sentir que nunca é possível fazer tudo. Assim, dores psicológicas dos cansaços cotidianos tornam-se físicas: dores de cabeça, dores de barriga, dores no corpo, na coluna, etc. Mesmo sabendo que a maioria desses incômodos cotidianos são dores e desconfortos

passageiros, que fazem parte da nossa rotina, a primeira atitude de grande parte das pessoas é tomar um comprimido aqui, ou algumas gotas de analgésico acolá. Como vivemos em um mundo que exige que estejamos sempre bem, dispostos, sem incômodos que possam influenciar na produtividade, somos levados a procurar a “cura” mais rápida. Daí vem a propaganda com sua armadura reluzente acompanhada da sua fiel escudeira, a mídia, e diz: Não tema, temos a solução para os seus problemas! - Compre isso, beba aquilo, use isto ... cure-se!

Somos bombardeados diariamente com propagandas de medicamentos que transformam a saúde em produto de consumo. Propagandeando soluções mágicas, a publicidade traz promessas de felicidade e de satisfação absoluta. Há sempre um sorriso estampado nos

rostos dos protagonistas dessas propagandas, curados repentinamente, como num passe de mágica. Como se fosse quase impossível haver bem-estar na ausência de medicamentos.

Assim como muitos, também sou levada por essa cultura de massa que é propagandeada inescrupulosamente pelas mídias. Também sinto os efeitos desse tempo acelerado. A diferença é que faço disso a minha arte. Tais inquietações sobre a cultura atual - fluxo intenso de informações e imagens; a exaltação do consumo e do prazer a todo custo; a agitação, a alta produtividade, etc - chamo de excessos do cotidiano - provocam em mim um acúmulo emaranhado de ideias, pensamentos, sensações e sentimentos que, chegando a seu limite, precisam ser externados. Mas como expressar tal acúmulo interno? Como me livrar de tal inquietação?

Inconscientemente já começara a externar

esse acúmulo íntimo guardando os dejetos dos fármacos na minha gaveta. Somando à angústia diante do volumoso consumo medicamentoso da minha irmã - princípio ativo - aos excessos cotidianos, aproprio-me das embalagens e dejetos dos fármacos como material para realizar os meus trabalhos. A materialidade das embalagens e dejetos dos fármacos, que tanto me instigavam, tornaram-se veículo pelos quais eu expresso toda essa inquietação interna.

Fig.5 - Medicina personalizada, 2014 - **Adam Simpson**



Fig.5

“Compondo meu ser,
entupo-me de excessos e
esvazio-me de ausências.
Será que ainda há lugar
para o meu ser em mim?”

(CRISTINA, Thaisa, 2015)



Fig.6

Manipulações

Apropriação e ressignificação
conceitual



Fig.7

Antes mesmo do Urinol de Duchamp, o deslocamento de coisas do cotidiano para o campo da arte já vinha sendo explorado pelos dadaístas. A utilização de materiais como pregos, areia e estopa nos quadros cubistas já anunciava uma mudança na forma de pensar a arte e a incorporação de objetos comuns como material para fazer arte. Um exemplo dessa prática é a obra *Natureza Morta com Cadeira de Palha* (1912), na qual

Picasso emoldura o quadro com uma corda e utiliza tiras de couro na tela, em alusão ao forro da cadeira. Adiante, na Pop Art, o objeto de consumo também se torna a própria obra, tendo como gesto emblemático o advento do "ready made" de Marcel Duchamp, em 1913. No discurso artístico, a apropriação definiu-se genericamente como ato que conduz a produção de trabalhos utilizando de recursos oriundos do cotidiano.

Utilizar objetos prontos, elegendo-os como obra ou inserindo suas partes em uma tela, representa o rompimento definitivo com os tradicionais meios de produção de arte. Percebe-se a mesma intenção de quebra de paradigmas quando artistas se apropriam de objetos do cotidiano como ponto de partida para possíveis questionamentos com relação ao comportamento da sociedade e os efeitos da produção massificada das coisas sobre o contexto social.



Fig.8

Fig.7 - Natureza-Morta com Cadeira de Palha, 1912 - **Pablo Picasso**

Fig.8 - A Fonte, 1912 - **Marcel Duchamp**



Fig.9

A atitude de Duchamp abriu caminhos para outras manifestações e conceitos sobre a arte. Em meados da década de 60, surge o movimento Nouveau Réalisme que se refere essencialmente ao uso de objetos existentes na construção das obras de arte e apresenta-se totalmente contrário aos tradicionais meios formalistas de se pensar a arte. Entre os artistas que integraram o movimento, está o francês

Arman, que utilizava objetos prontos em suas obras, transformando-os em esculturas por meio da acumulação e repetição. Arman era um artista-colecionador; suas coleções de coisas como relógios, câmeras, sapatos e instrumentos musicais transformavam-se em trabalhos, fazendo-nos refletir sobre a ânsia consumista da sociedade.

A minha ambição de reter grandes quantida-

des dos dejetos de fármacos muito se assemelha ao ato acumulativo de Arman. Diferentemente da compulsão do artista de arquivar todo tipo de fragmentos da realidade, atendo-me ao mundo dos fármacos, acumulando apenas os dejetos do consumo de remédios. Quando comecei a coletar os dejetos, tanto em casa quanto com amigos e vizinhos, percebi que ter contato com os materiais coletados instigava a minha imaginação. Formas, cores, texturas tudo era relevante. Tinha uma necessidade inconsciente de acumular esses dejetos e reutilizá-los.

Depois da coleta, fazia uma espécie de triagem dos materiais - os selecionava e dividia de forma que todas as caixas, cartelas e bulas ficassem separadas. Separando os dejetos das embalagens, criava um jogo de arrumação/desarrumação, pois os tirava da ordem original e os organizava em grupos antes de começar a trabalhar com eles.

Essa maneira de, a princípio, tratar os materiais, influenciou o modo como o primeiro trabalho foi apresentado. Participando da exposição Deriva 7, organizada pelo professor Marcos Hill, em 2014, vi a oportunidade de colocar em prática o desejo de trabalhar com os esses dejetos. Dose do Dia foi então o primeiro trabalho.

Durante a coleta de materiais, um amigo da faculdade deu-me um pote cheio de pílulas de vitaminas vencidas. Foi a partir daí que surgiu a ideia para o primeiro quadro da série. Os quadros seguintes surgiram como uma continuação natural do primeiro.

Percebendo o prazer que tive em criar esta série, resolvi continuar investigando novas formas de expressar esse fluxo inquietante de fármacos descartados.

Fig.9 - Alarm Clocks, 1960 - **Arman**

Pesquisando na internet, tomei conhecimento de outros artistas que, assim como eu, utilizavam objetos e dejetos do cotidiano em suas obras. Os trabalhos da artista sul-coreana Jean Shin foram de grande inspiração me impulsionando a buscar outras maneiras de fazer arte com materiais coletados. Shin utiliza objetos do dia a dia para criar grandes instalações como Sound Wave, uma grande onda formada por discos de vinil, que é um dos seus trabalhos mais conhecidos.

Em Chemical Balance, ela transforma potes de remédio laranjas em lustres gigantes. Além das instalações, a artista faz esculturas, trabalhos de papel, vídeo e fotografia com os materiais coletados.

Fig.10 - Sound Wave, 2007 - **Jean Shin**
Fig.11 - Chemical Balance, 2005 - **Jean Shin**



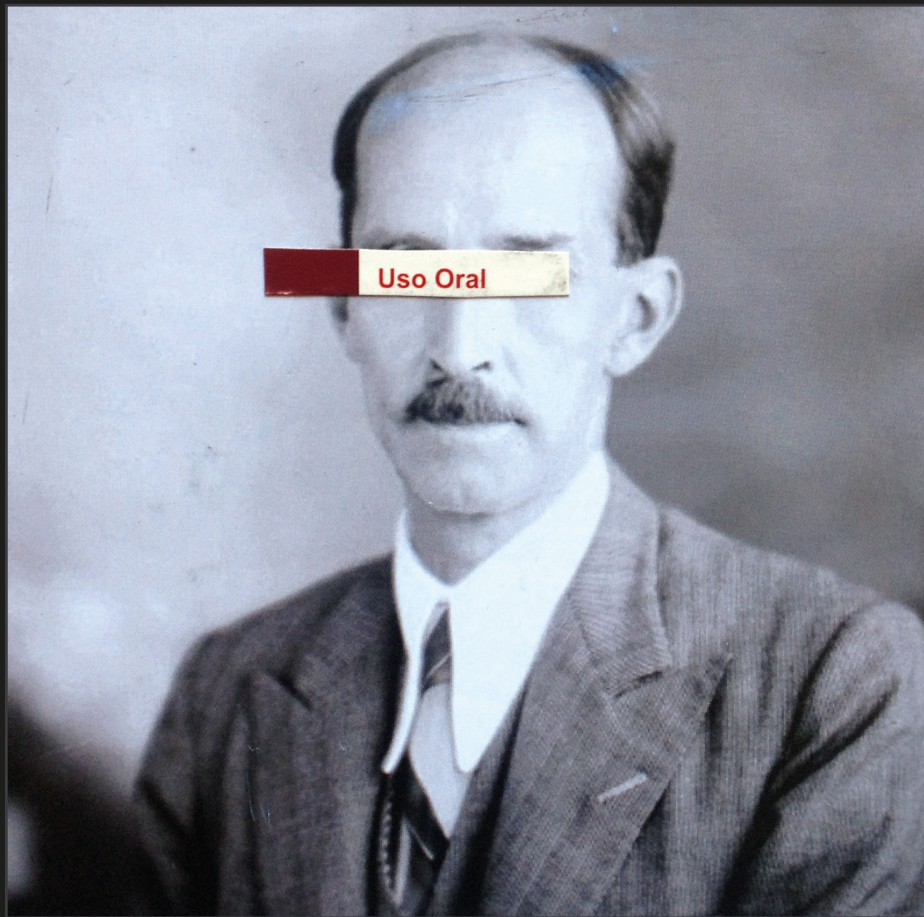
Fig.10



Fig.11

O artista torna-se um manipulador de signos, mais do que um produtor de objetos de arte, e o espectador, um ativo leitor de mensagens mais do que um contemplador estético ou um consumidor do espetáculo. É por isso que o procedimento de ready-made duchampiano, a fotomontagem e a apropriação do pop são significativos ao apontar para o papel da arte como signo social, misturado a outros signos num sistema de produção de valor, poder e prestígio.

(FOSTER apud FREIRE, 2006, p.38)



Uso Oral

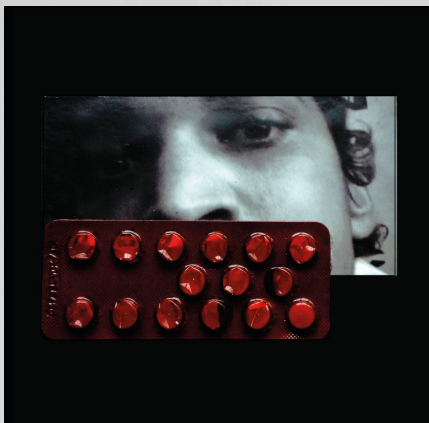
Fig.12

No caso das obras de Duchamp, como A Fonte, além do objeto ser deslocado da sua função e deixar de ser um utensílio, torna-se um objeto que ironiza o lugar da arte: o museu, a galeria (Duchamp ao propor seus ready-mades, quer justamente destituir a arte de seu caráter contemplativo. Por isso a escolha de objetos sem qualquer atrativo estético, negando com veemência a arte retiniana, ou seja, a arte que satisfaz o olhar.) Impedido de manter uma relação usual com o objeto, o espectador agora só pode vê-lo de um ponto de vista externo a toda relação física que mantinha com ele no cotidiano. Diante do objeto desviado de suas funcionalidades anteriores, percebemos que o lugar da obra de arte torna-se também desmitificado, e o observador se vê instigado a indagar, a não mais manter uma postura de contemplação passiva e estética, mas de participação ativa e crítica construindo e ressignificando conceitos a partir da provocação que representa tal objeto.



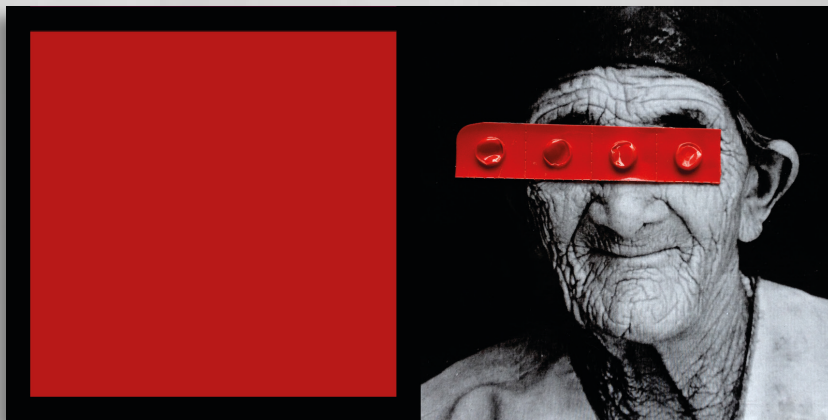
Fig.13

Na contemplação da obra, a atitude de recepção de ideias é mais passiva, está muitas vezes vinculada ao que “o artista quis dizer supervalorizando o criador em detrimento do objeto artístico; enquanto que na ressignificação conceitual da obra, o espectador assume uma atitude reinterpretativa e ativa, partindo de seu próprio repertório e conferindo insuspeitadas leituras àquele objeto de acordo com a sua subjetividade sobre o mundo e suas experiências de vida.



Percebe-se também que o título da obra torna-se ferramenta potente na construção do sentido da mesma. A utilização de metáforas e trocadilhos nos títulos de obras de arte, nos levam a outro tipo de reflexão sobre ela. Abre caminhos para outros tipos de interpretação além do que se vê.

Em todos os trabalhos que produzi até hoje, o título é um elemento que acrescenta mais um



registro expressivo a ser associado à leitura da obra. Nesse jogo entre palavras, signos e objetos, a obra deixa de ser apenas representação ou a mera apropriação de objetos acumulados e passa a ser um agenciamento de elementos heterogêneos unindo a ideia do criador do objeto com aquelas específicas do espectador: momento de ressignificação conceitual da obra.

Fig.13 Páginas do livro *Vermelhor*, 2014.

Quanto ser sou eu para buscar sempre do outro ser que me habita as realidades das contradições? Quantas alegrias e dores meu corpo se abrindo como uma gigantesca couve-flor ofereceu ao outro ser que está secreto dentro de meu eu? Dentro de minha barriga mora um pássaro, dentro do meu peito, um leão. Esse passeia pra lá e pra cá incessantemente. A ave grasna, esperneia e é sacrificada. O ovo continua a envolvê-la, como mortalha, mas já é o começo do outro pássaro que nasce imediatamente após a morte. Nem chega a haver intervalo. É o festim da vida e da morte entrelaçadas.

(CLARK apud RANGEL, 1996)



Fig.14

Interações medicamentosas entre o sujeito e a obra

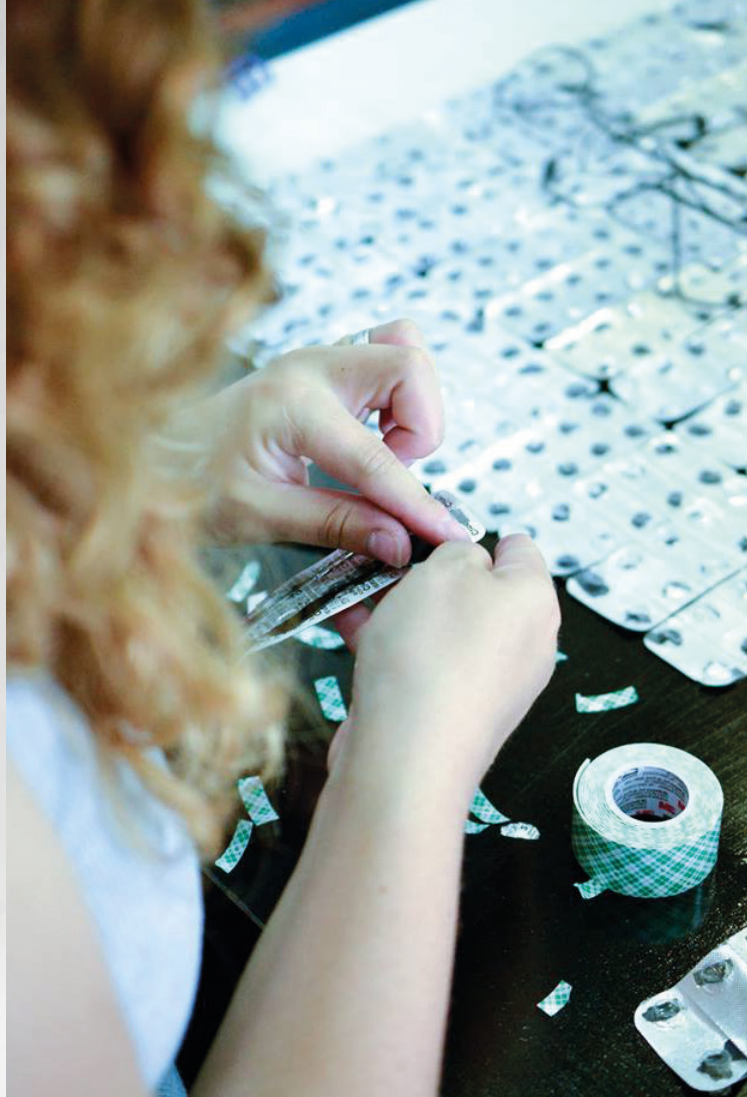
Pássaros e leões nos habitam, diz Lygia – nosso corpo, sensível aos efeitos provocados pelos fluxos de acontecimentos cotidianos, acumula estados inquietantes – pensamentos e sensações que passeiam para lá e para cá – é o incessante caminhar do leão. Estes estados germinam a tal ponto que o corpo não consegue mais reter. É o desassossego, o grasnar da ave. Acúmulos de inquietações precisam ser externados. Sendo materializados na obra, esta torna-se a mortalha de tais estados, agora latentes, aguardando o outrem despertá-los.

Olhando por uma perspectiva aérea sobre meu processo criativo, vejo-o como uma espécie de digestão das coisas que me cercam. Creio eu que a arte é sempre alimentada pela realidade, ou seja, há sempre um estímulo externo que causa inquietações internas, e essas inquietações filtradas pelo artista são devolvidas ao mundo, porém de forma diferente: como objeto artístico.

Já ouvi muitas vezes que a criatividade é orientada do particular para o geral, do interior do artista para o mundo. Claro que, quando optamos por algo, seja no contexto de um momento ou de um local, a escolha sempre é pessoal. Mas como não vivemos em uma bolha, isolados de tudo, estamos sempre em contato com o mundo e é inegável que somos influenciados de alguma forma, mesmo que inconscientemente, pelo que acontece no nosso cotidiano. A maneira como cada um sente o mundo é única, e, por isso mesmo, a criatividade é algo tão pessoal e íntima e a arte tão potente e infinita!

Faço do meu cotidiano território de estímulos. Observando e percebendo o que acontece ao meu redor, capto as coisas que me intrigam, fazendo-me um amontoado de ideias e sensações provenientes dos excessos cotidianos. Sou este ser habitado por esse acúmulo!

Fig.14



Vejo meu processo de criação como um meio de buscar a 'cura' de um desassossego íntimo, um desconforto que tal qual numa dor de cabeça, persegue um analgésico. É a ansiedade de curar-se dos efeitos causados pelos excessos cotidianos e, ao mesmo tempo, estopim do processo criativo. Materializando as inquietações na realização dos meus trabalhos, desenvolvo o meu próprio meio de tratar tais estados inquietantes que se acumulam em mim – a cura através do fazer. Pois é partir do trabalho artístico que atinjo a externalidade, o outro.

Nesse ponto de minha reflexão sobre o meu processo criativo, percebo um amadurecimento na maneira de pensar sobre os meus trabalhos, pois os via como consequência desse acúmulo de sensações e inquietações diante dos excessos da vida contemporânea.

Se, frente a obra, o espectador for capaz de simplesmente se entregar ao que lhe é apresentado, talvez – não é garantia – ele possa

refletir sobre a essência da obra e levantar possíveis questionamentos além dos visíveis representados pelo material usado. Tomando uma atitude reinterpretação mais ativa diante da obra, a reflexão sobre os próprios excessos cotidianos torna-se um caminho possível, retirando da obra uma significação válida para si próprio através do olhar para o seu íntimo.

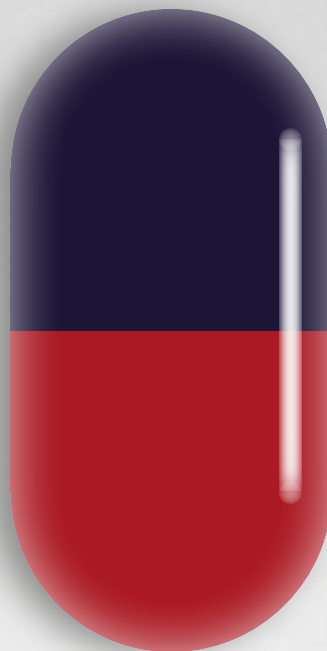
Refletindo sobre a busca da cura pelo ser acumulado por meio do processo de produção dos trabalhos, e partindo do conceito de ressignificação conceitual da obra pelo espectador, penso sobre quais seriam as interações medicamentosas¹ entre o espectador e as obras.

O significado da obra para o espectador não fica em posse do artista, pois este não pode controlar o que o trabalho transmite e nem os efeitos causados após ser apresentado ao outro. As interações entre o sujeito e a obra só acontecem quando os trabalhos promovem

o contato entre a minha internalidade e a ressignificação do espectador, quando ocorre uma transmutação entre a condição de fim para uma condição de meio. Se o espectador se dispõe a entrar no jogo pode usufruir da reflexão sobre signos inseridos – descartes dos fármacos - e sua irreduzível carga semântica que possuem em seus contextos originais.

Sendo assim, as obras se propõem como pílulas de reflexão cujo a dose não tem prescrição médica e os efeitos colaterais não podem ser previstos. Tornam-se meios que podem proporcionar ao outro um caminho para a imersão em seu íntimo, mas caberá a ele aceitar ou não a provocação.

¹ Interação medicamentosa em farmacologia é a interferência na ação, absorção, metabolismo ou excreção de um medicamento, em contato com outra substância. Sendo essas interações positivas ou negativas, podem aumentar os efeitos terapêuticos ou potencializar os efeitos indesejáveis do medicamento consumido. No texto, aproprio-me desse termo para me referir aos efeitos causados pela obra no espectador.



Referências

ARTE Contemporânea. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2015. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo354/arte-contemporanea>>. Acesso em: 29 de out. 2015.

DUCHAMP, M. O ato criador. In: BATTCOCK, G. (Org.). A nova arte. São Paulo: Perspectiva, 1986. p. 71-74.

EUGÊNIO, Edison de Moraes Junior - Recriação conceitual: reflexões sobre a ressignificação da obra de arte como um fator criativo / São Paulo, 2012. 34 f. ; il. Disponível em <<http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/118953/000732391.pdf?sequence=1>> . Acessado em 04 nov. 2015.

PAULINO, Fred. Facta - REVISTA DE GAMBIOLOGIA, 2º edição. Belo Horizonte, 2013. Disponível em <<http://issuu.com/gambiolegia/docs/facta2>> Acessado em 21 nov. 2015.

PELEGRI, Marta Regueira Fonseca. O abuso de medicamentos psicotrópicos na contemporaneidade. Psicol. cienc. prof., Brasília , v. 23, n. 1, p. 38-41, mar. 2003 . Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932003000100006>>. Acessado em 16 nov. 2015.

RANGEL, Juliana. Vocabulário-Bicho ou Devir Outro-Sonoro. Revista do Programa de Pós-graduação em Arte da UnBV.14, nº1/janeiro-junho de 2015 Brasília. Disponível em <<http://periodicos.unb.br/index.php/revistavis/issue/view/1228>> Acessado em 19 nov. 2015.

VESTERGAARD, Toben. A linguagem da propaganda. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Lista de imagens

Fig. 1 "Esboço", 2014, Thaisa Cristina.

Fonte: Acervo pessoal ----- 7

Fig. 2 "Lembrete", 2014, Thaisa Cristina.

Fonte: Acervo pessoal ----- 9

Fig.3 "Re tra trar, 2014, Thaisa Cristina.

Fonte: Acervo pessoal ----- 13

Fig. 4 "Sem título", 2015, Thaisa Cristina.

Fonte: Acervo pessoal ----- 14

Fig.5 "Medicina personalizada", 2014 - Adam Simpson

Disponível em: <<http://www.adsimpson.com/personalised-medicine>> ----- 17

Fig.6 "Dose do Dia, 2014, Thaisa Cristina.

Fonte: Acervo pessoal ----- 19

Fig.7 "Natureza-Morta com Cadeira de Palha", 1912, Pablo Picasso.

Disponível em: <<https://www.khanacademy.org/humanities/art-1010/early-abstraction/cubism/a/picasso-still-life-with-chair-caning>> ----- 20

Fig.8 "A Fonte", 1912 - Marcel Duchamp.

Disponível em: <<https://egonturci.wordpress.com/2012/09/10/a-fonte>> ----- 21

Fig.9 "Alarm Clocks", 1960 - Arman.

Disponível em: <http://www.artspace.com/magazine/art_101/close_look/close_look_arman-51788> ----- 22

Fig.10 "Sound Wave", 2007 - Jean Shin.

Disponível em: <<http://www.jeanshin.com/index.htm>> ----- 24

Fig.11 "Chemical Balance", 2005 - Jean Shin.

Disponível em: <<http://www.jeanshin.com/index.htm>> ----- 25

Fig.12 "Vermelhor", 2014, Thaisa Cristina.

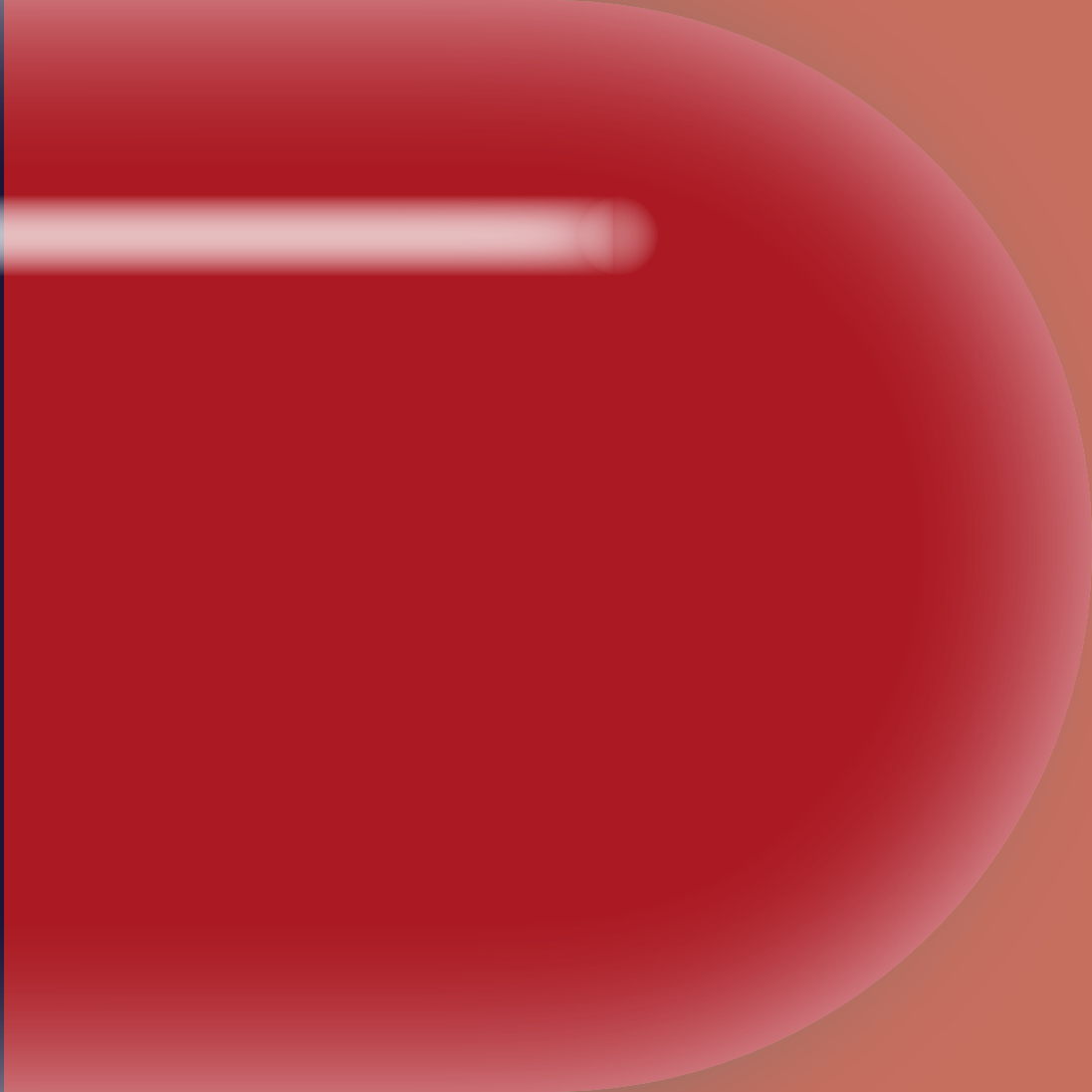
Fonte: Acervo pessoal ----- 27

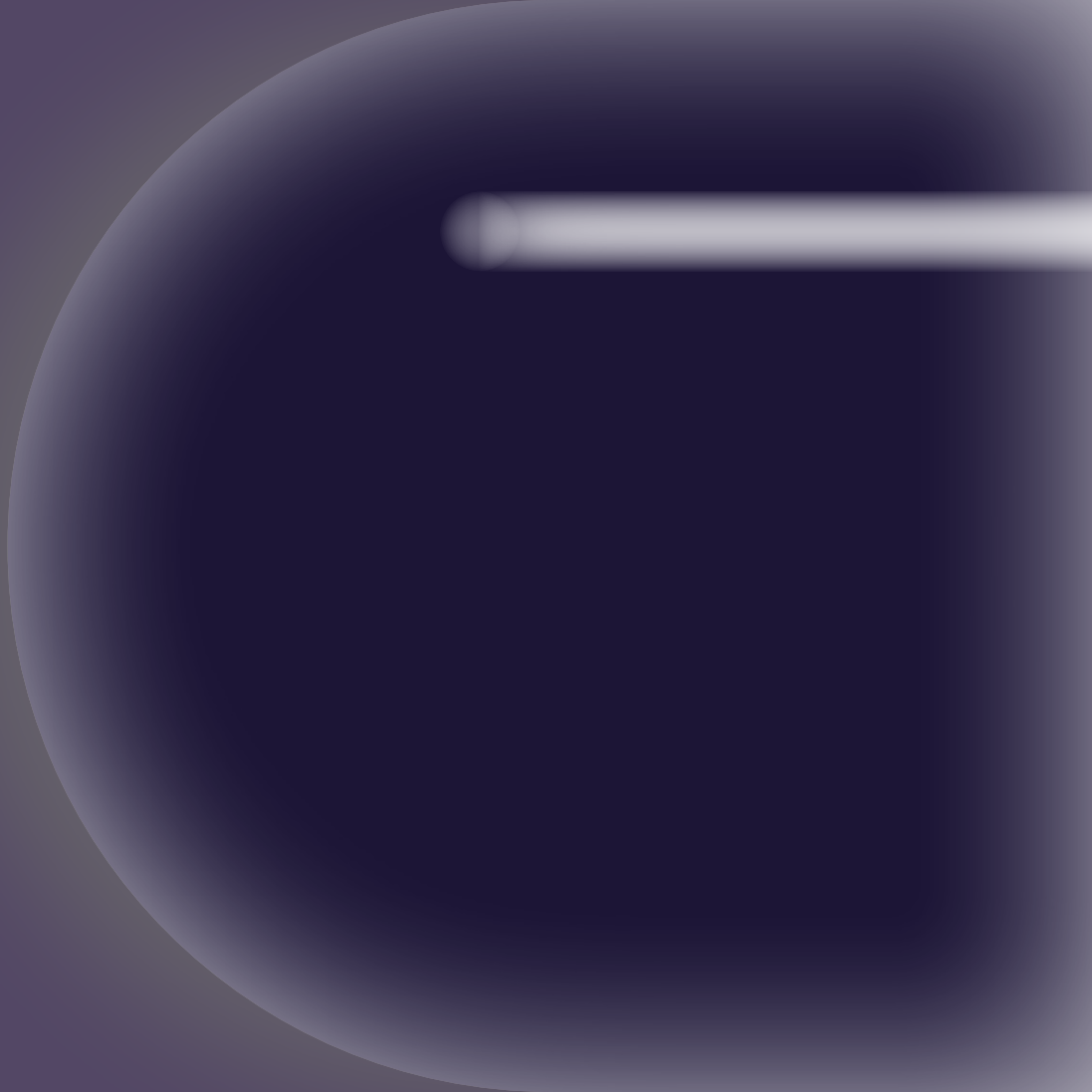
Fig.13 "Álbum", 2015, Thaisa Cristina.

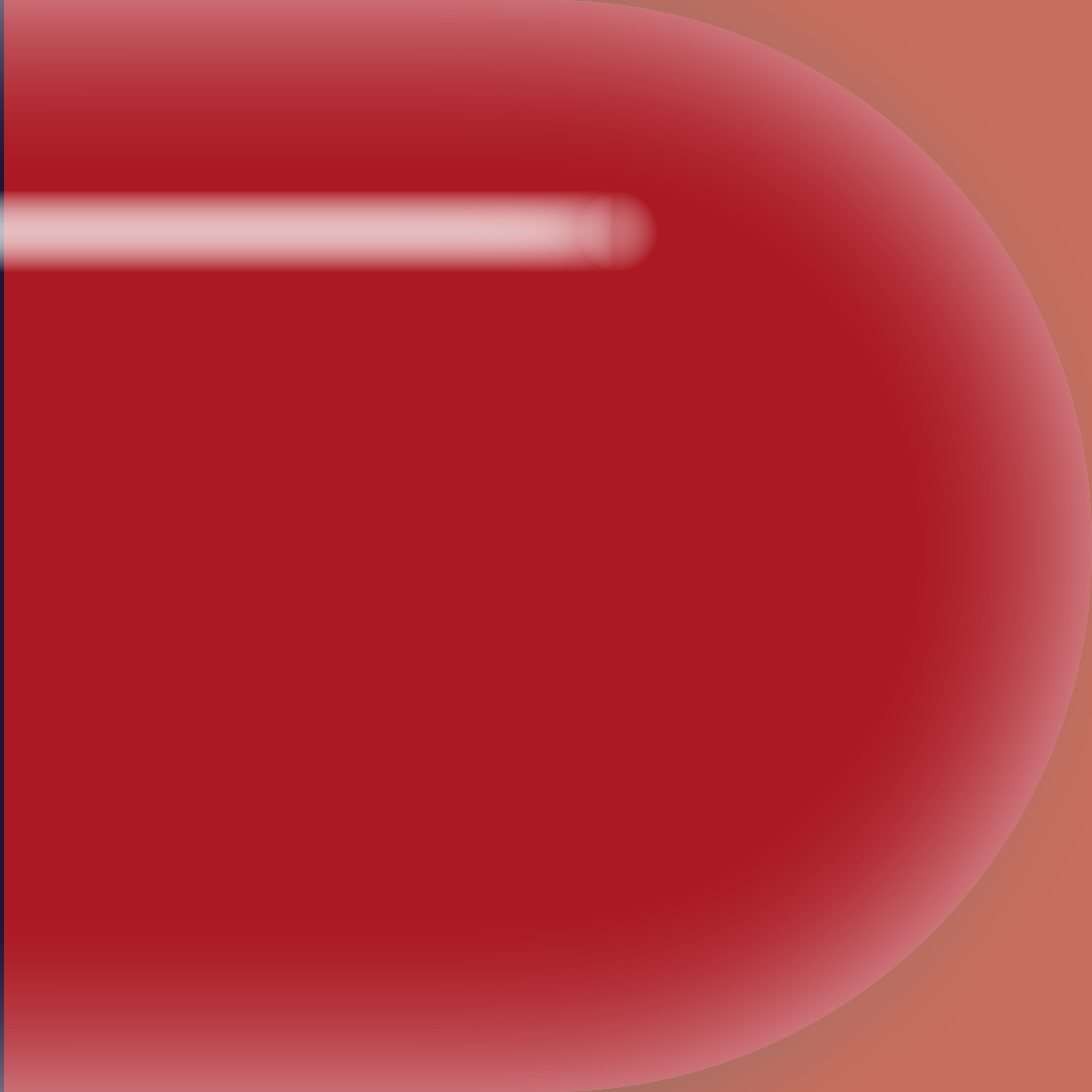
Fonte: Acervo pessoal ----- 29

Fig.14 "Registro de processo", 2014, Foto: Luiza Bongir

Fonte: Acervo pessoal----- 31







Trabalhos
2014-2015

Thaís Cristina



Dose do Dia

2014

As pílulas sobre a pintura que expõe apenas uma parte do rosto, a boca, se estende a uma explosão lateral. O que seria essa explosão? Um grito de socorro? Um desabafo?

Uma máscara de pílulas sobre um rosto pintado. Esse é o primeiro quadro da série Dose do Dia. A obra tem muito mais a oferecer que apenas uma 'dose', acompanhada de mais dois quadros (um com apenas cartelas vazias e o seguinte contendo somente caixas de medicamentos), cabe ao espectador estar sujeito a aceitar e engolir as doses subjetivas que surgem durante a ressignificação da obra pelo observador.







MINISTÉRIO
DA SAÚDE

QUERIDO DIÁRIO

alfapecinterferona 2a*
180 mcg / 0,5 mL

S.C
Uso adulto

CONTÉM: 1 diário + 44 seringas
+ 13 mL de eritropoietina

Proibido ao
Comércio

USO SOB PRESCRIÇÃO MÉDICA

RASPE
AQUI COM
METAL



Querido Diário

2014

Querido Diário é um livro-diário constituído pelas bulas do medicamento Pegasys, no qual o paciente fictício cita os efeitos colaterais causados pelo medicamento.

A ideia do trabalho Querido Diário surgiu ao adquirir uma quantidade significativa de caixas de medicamento e bulas do remédio Pegasys, todas doadas a mim por minha tia, que faz uso do medicamento.

Conversando com minha tia sobre o uso desse medicamento e o porquê da enorme quantidade de caixas e bulas, ela me esclareceu que trata-se de um antiviral que deveria ser consumido durante 11 meses, relatando-me ainda sobre alguns efeitos colaterais percebidos por ela durante o uso desse medicamento.

Percebi que a bula do medicamento Pergasys é gigantesca e apresenta um texto com fonte tamanho 8, o que torna a leitura da bula cansativa e pouco adequada. Notei

também que a lista de efeitos colaterais descritos na bula é enorme, alertando que o uso do medicamento pode provocar, entre outras coisas, infecção urinária, infecção no coração e até suicídio.

Decidi fazer das bulas um livro-diário, no qual todas as partes em branco seriam preenchidas com os efeitos colaterais descritos na bula, porém, como registros feitos pelo próprio paciente que faz uso do medicamento.



Falta de ar!

Sangramento nasal,
dor abdominal,
ulceração, dor no
peçoço, inflamação

da articulação,
instabilidade emocio-
nal, apatia,
faqueços, dor
no peito!

05/07/12



MINISTÉRIO
DA SAÚDE

QUERIDO DIÁRIO

Alfa interferona 2a*
80 mcg / 0,5 mL

CONTÉM: 1 diário + 44 seringas
+ 13 mL de eritropoietina

Proibido ao
Comércio

COM PRESCRIÇÃO MÉDICA

RASPE
AQUI COM
CUIDADO





MINISTÉRIO
DA SAÚDE

QUERIDO DIÁRIO

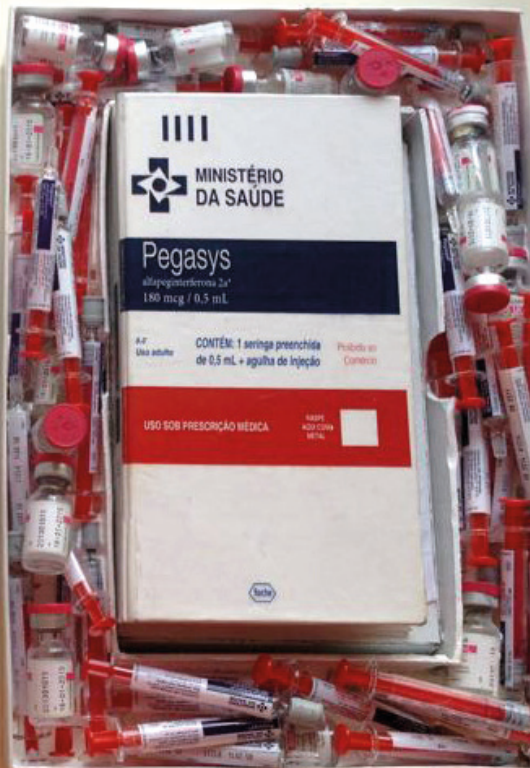
alfapecinterferona 2a*
180 mcg / 0,5 mL

S.C
Uso adulto

CONTÉM: 1 diário + 44 seringas
+ 13 mL de eritropoietina

USO SOB PRESCRIÇÃO MÉDICA

RASPE
AQUI COM
METAL





Lembrete

2014

A obra Lembrete surge como proposta de ocupação para a intervenção artística realizada no Parque Municipal Américo Renné Giannetti, na exposição "Entre Linhas" que ocorreu no ano de 2014 sob a coordenação da professora Elisa Campos.

A obra consiste em uma gaveta pendurada por correntes e preenchida por caixas de remédios. Logo abaixo, estão pendurados dois potes de vidro, contendo, respectivamente, cartelas vazias de medicamentos, pílulas e comprimidos. Em um deles se lê a seguinte frase: já tomou o seu hoje?

O título Lembrete faz sentido ao ler a frase anexada em um dos potes pendurados a gaveta, a qual refere-se ao consumo diário de medicamentos como um aspecto recorrente em nossa sociedade, e através da pergunta ironiza e recoloca o questionamento sobre tal banalização e consumo inescrupuloso.





Re tr a tar

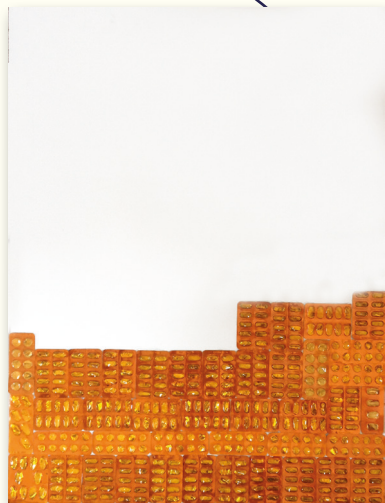
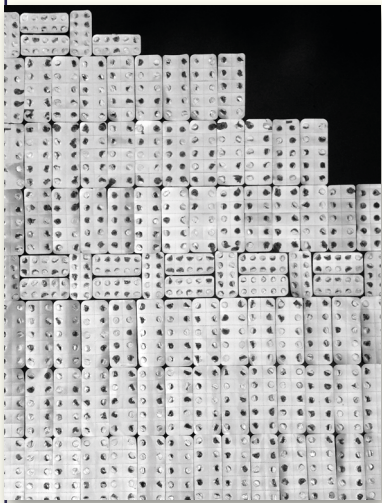
2014

A série Retratar surgiu da necessidade de experimentação plástica dos materiais que tinha coletado. Percebendo que as diversas cores metálicas das cartelas me chamavam a atenção, resolvi criar composições com elas.

A construção do primeiro painel deu-se de forma processual, as cartelas foram fixadas a medida em que os fármacos foram consumidos pela minha irmã.

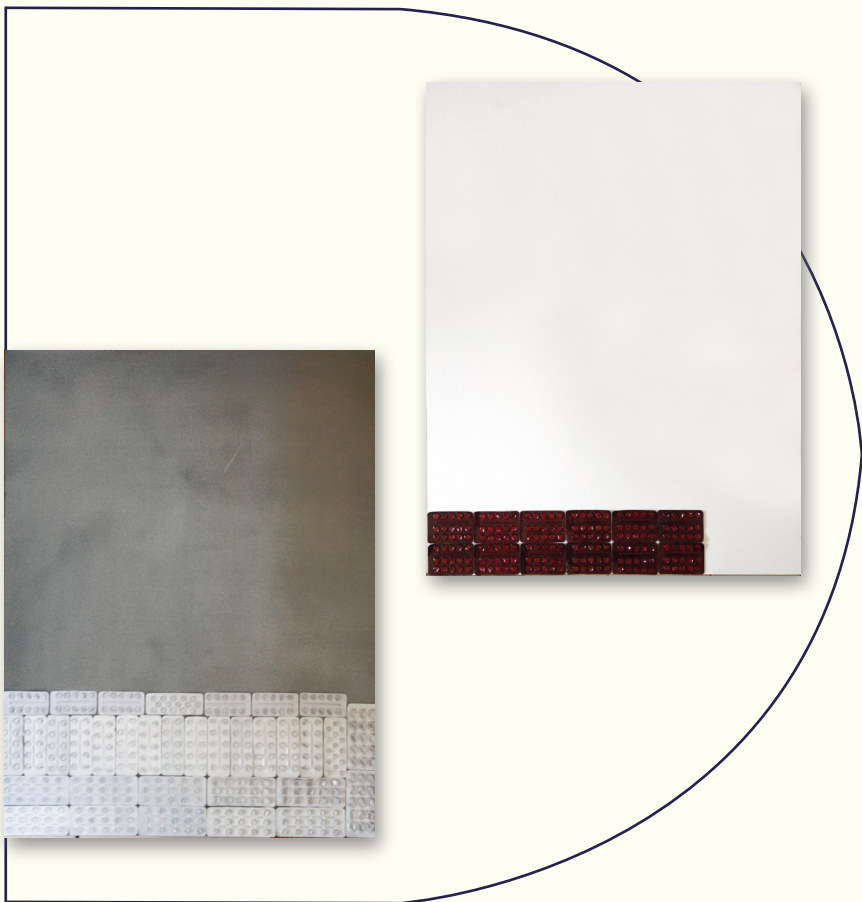
O segundo painel, das cartelas laranja, foi criado concomitante ao primeiro, porém, as origens das cartelas são de indivíduos diferentes.

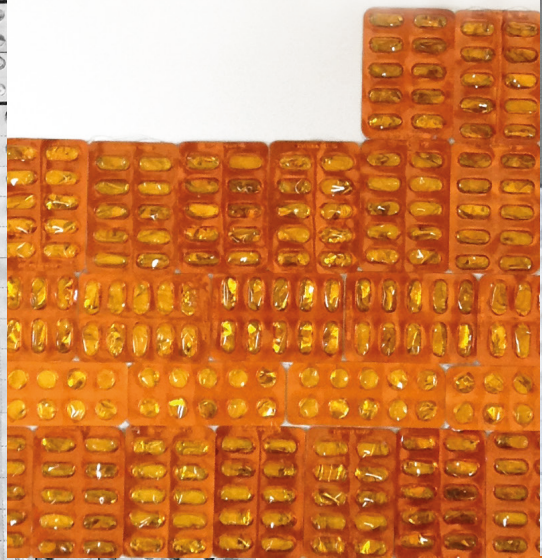
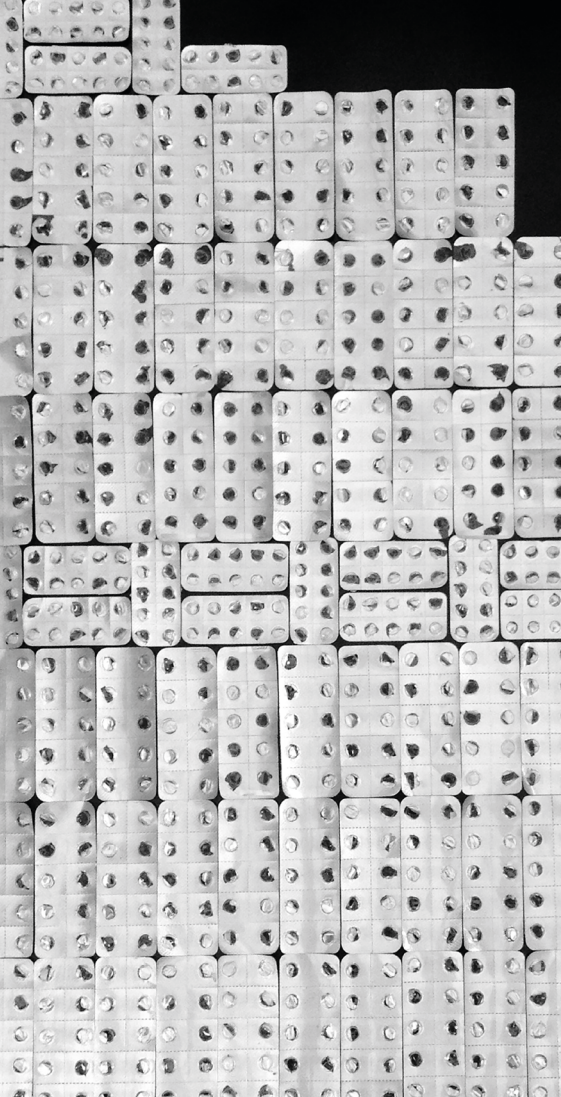
Refletindo sobre a forma como o primeiro painel foi construído, percebi que, a princípio, o que era

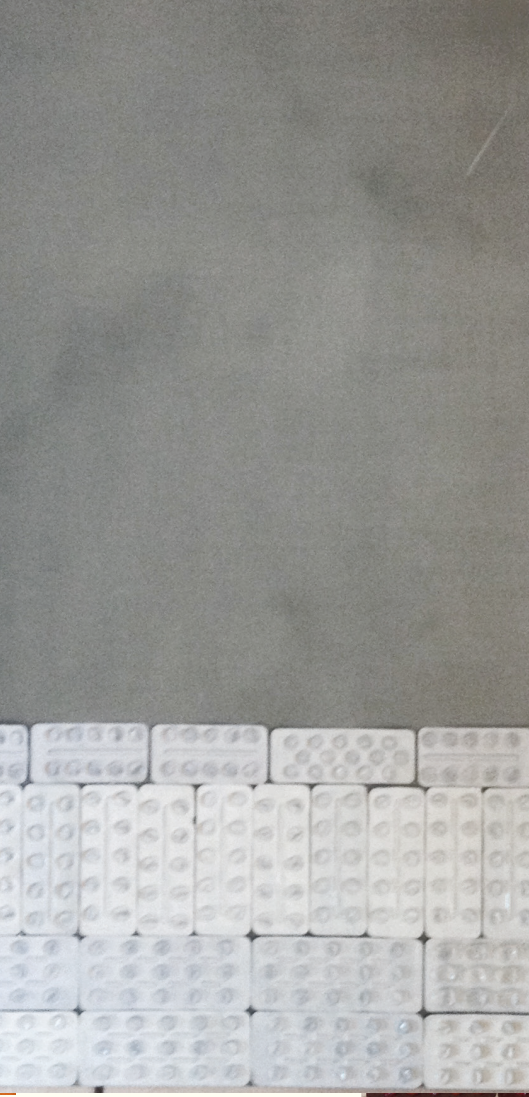


apenas uma construção de composição de cores semelhantes de cartelas, cores semelhantes tornou-se um registro abstrato do consumo de medicamento da minha irmã. Tendo consciência desta forma processual de construção, o tempo se tornaria outra forma de discussão cabível ao trabalho.

Assim como o primeiro, os últimos painéis, cartelas brancas e vermelhas, também foram construídos da mesma forma, ao decorrer do consumo dos usuários dos fármacos.





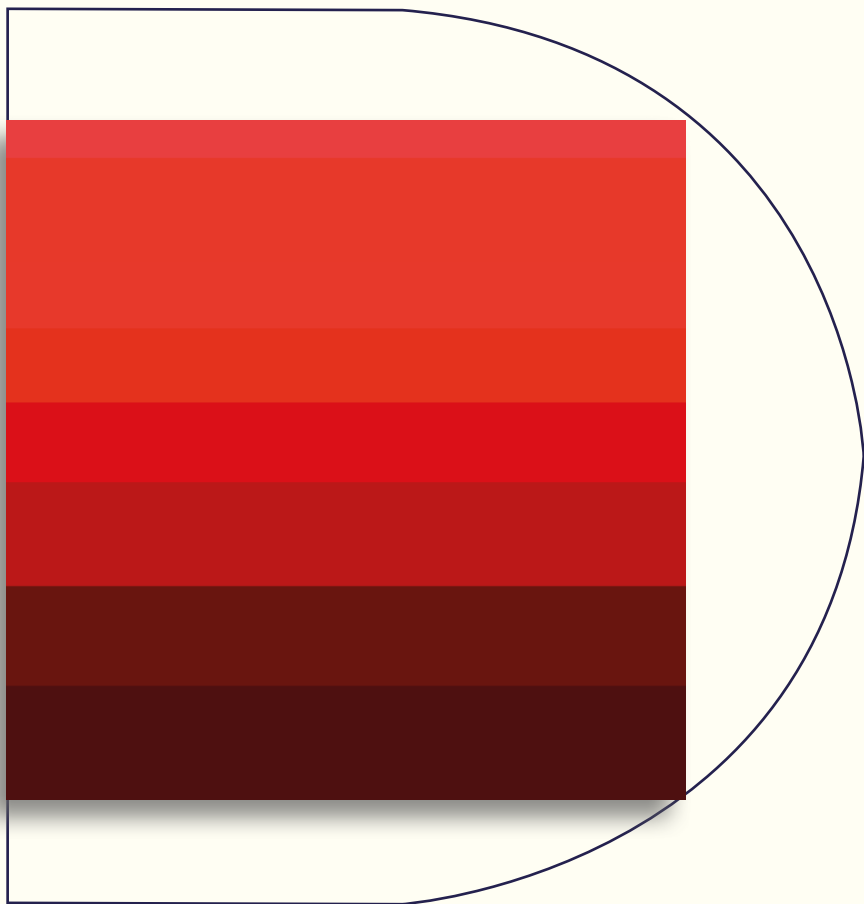


Vermelhor

2014 - 2015

Sempre gostei de usar a colagem para criar composições com materiais distintos. Gosto da possibilidade de criar novas narrativas explorando a cor de matérias e imagens existentes.

No livro, as composições das fotografias constroem um jogo de semelhanças e diferenças no qual a cor é um forte elemento de ligação entre as imagens. Os tons vermelhos unem as imagens, provoca sensações, delineia formas, criar contrastes e realça texturas.





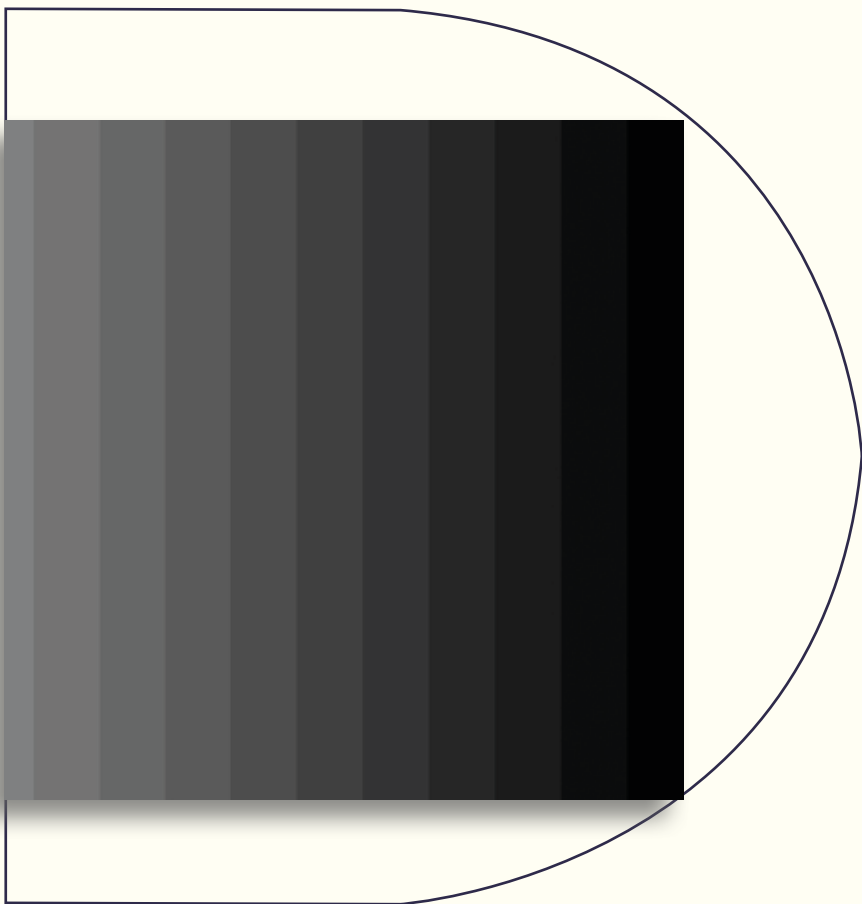




Álbum 2015

'Fotografias silênciosas
de formas vazias
cheias de algo a dizer'

Para além da identificação e significado cotidiano dos materiais fotografados, exploro suas formas, acentuando as texturas e variações cromáticas. A plasticidade dos materiais provoca impacto, exigindo um tempo maior de contemplação em cada imagem para apreender a harmonia entre cores e as formas.







série ver melhor

thaisa cristina

2014





















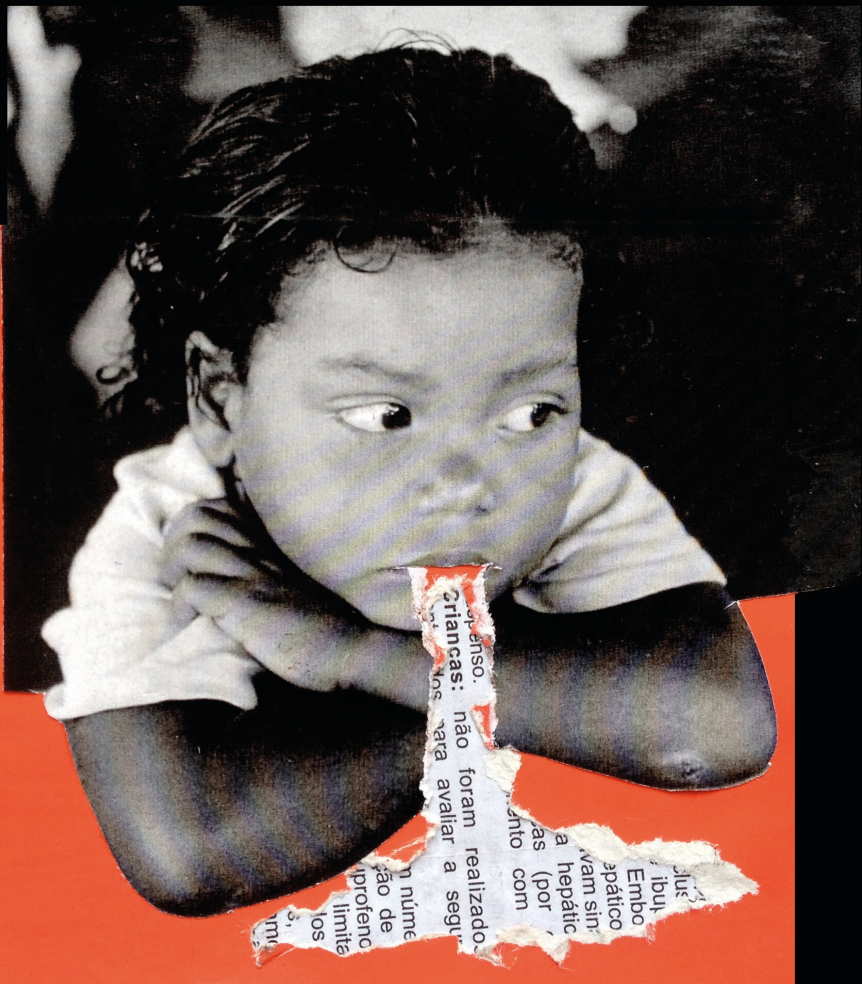




VENDA SOB
PRESCRIÇÃO
MÉDICA

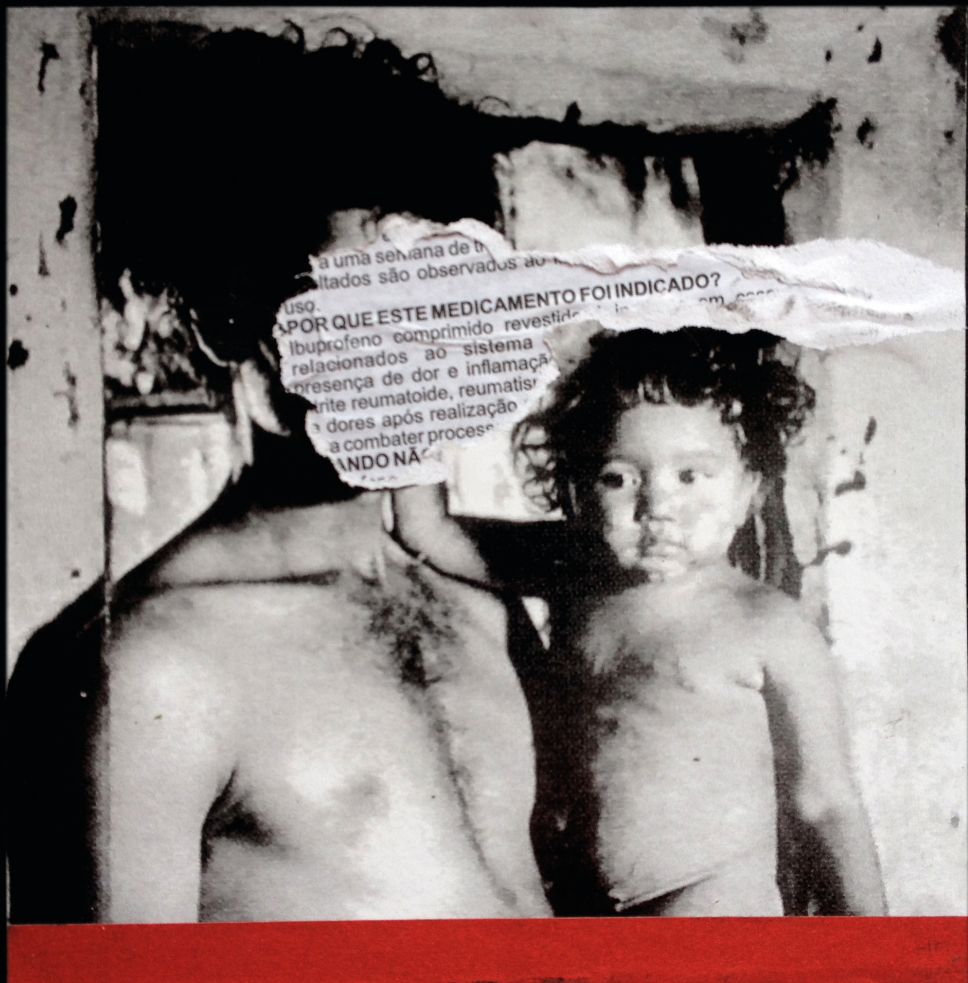






...penso.
crianças: não foram realizado.
...nos para avaliar a seg
...nto com
...as (por
...a hepatic
...viam sim
...apático
...Embo
...ibul,
...lus







a administração deve ser feita com leite.
amento deve ser conservado em sua
gar seco, fresco e ao abrigo da luz.

A
everá indicar a posologia correta para cada
deve ser diminuída ou aumentada de acordo
utilizar a
que é eficaz.
ada deve ser de 600 mg três a quatro vezes ao
edendo 3.200 mg diários.

dividida em várias tomadas.
cientes que apresentem
mais a administração deve ser
notada em

armanas.

NCIAS
no outros anti-inflamatórios não-esteroidais, o
pode inibir a agregação plaquetária, embora

ação menor que o observado com o ácido
lítico. Em indivíduos normais foi demonstrado que
ano prolonga o tempo de sangramento (portem
s limites normais), este medicamento deve ser
com cautela em indivíduos com defeitos

lantes, visto que o prolongamento de tempo de
ento pode ser mais acentuado em pacientes com
hemostáticos subiacentes.

líquido e edema em
ão ao uso de ibuprofeno, assim este medicamento
usado com cuidado em pacientes com história de
ensão cardíaca ou hipertensão.

em exposição prévia ao ibuprofeno.
e 10 % dos pacientes asmáticos.
ao ácido acetilsalicílico. O

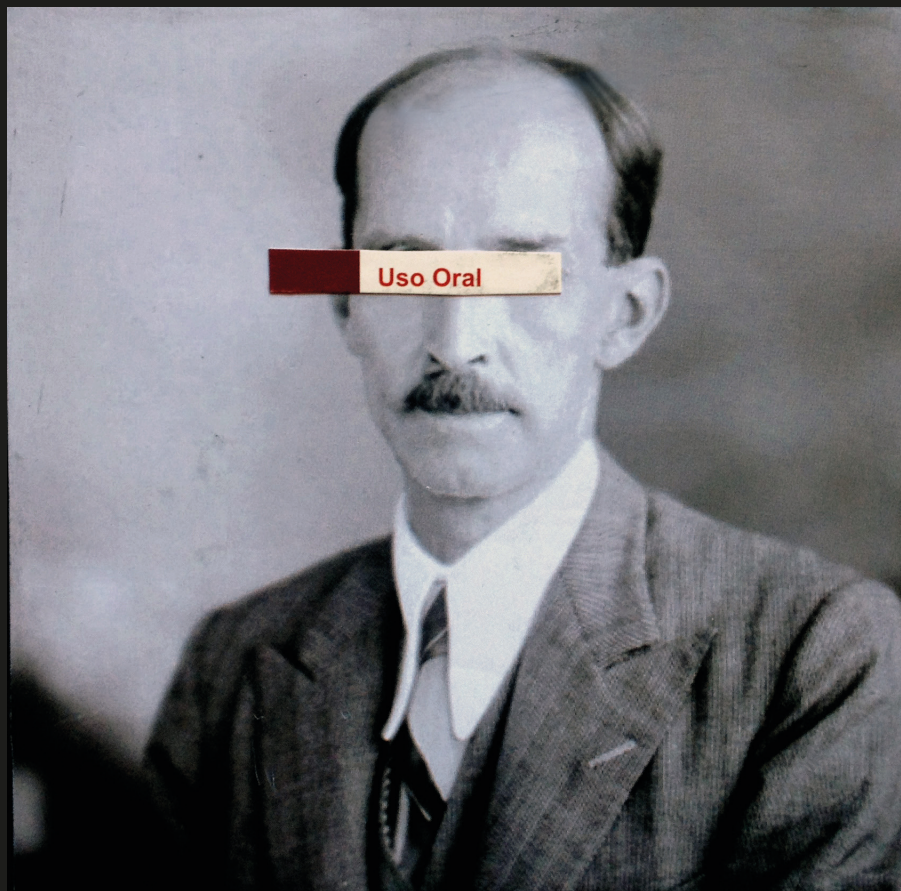
asma sensível e esse
mento foi associado a broncoespasmo grave, que
r fatal. Foi registrada reatividade cruzada, incluindo
spasmo, entre ácido acetilsalicílico e outros

com essa
dade ao ácido acetilsalicílico, deste modo o
ano não deve ser administrado a pacientes com
e deve
do com cautela em todos os pacientes com asma









Uso Oral

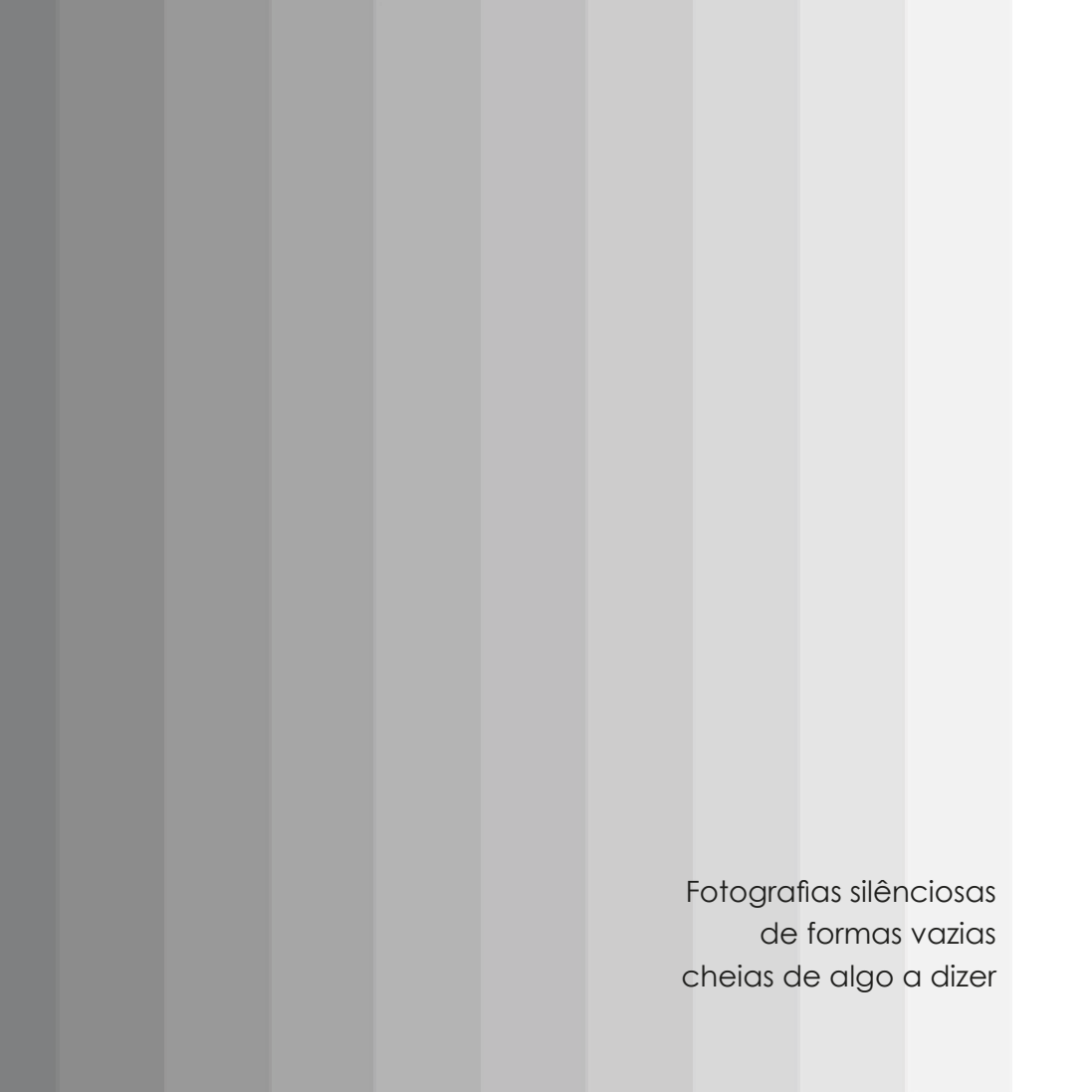






Técnica: Colagem sobre recorte de revistas e
fotografias (álbum Terra - Sebastião Salgado)
Materiais: Cartelas, bulas, recortes de caixa de
medicamentos e capsulas de gel.





Fotografias silênciosas
de formas vazias
cheias de algo a dizer









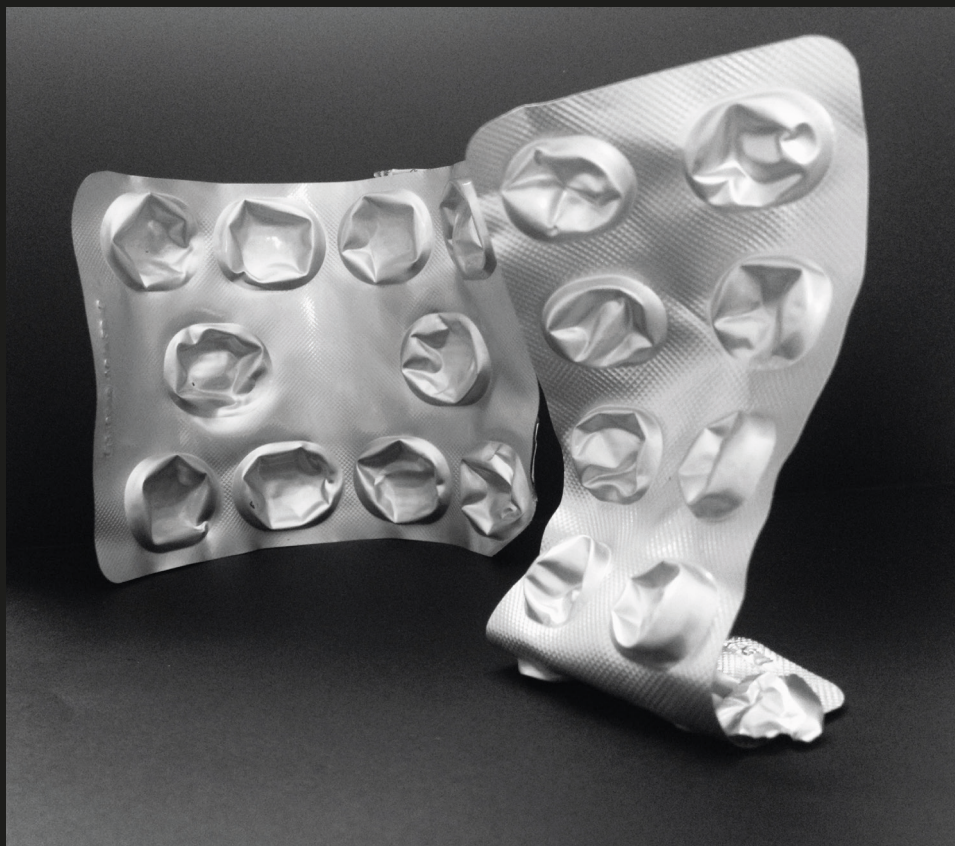


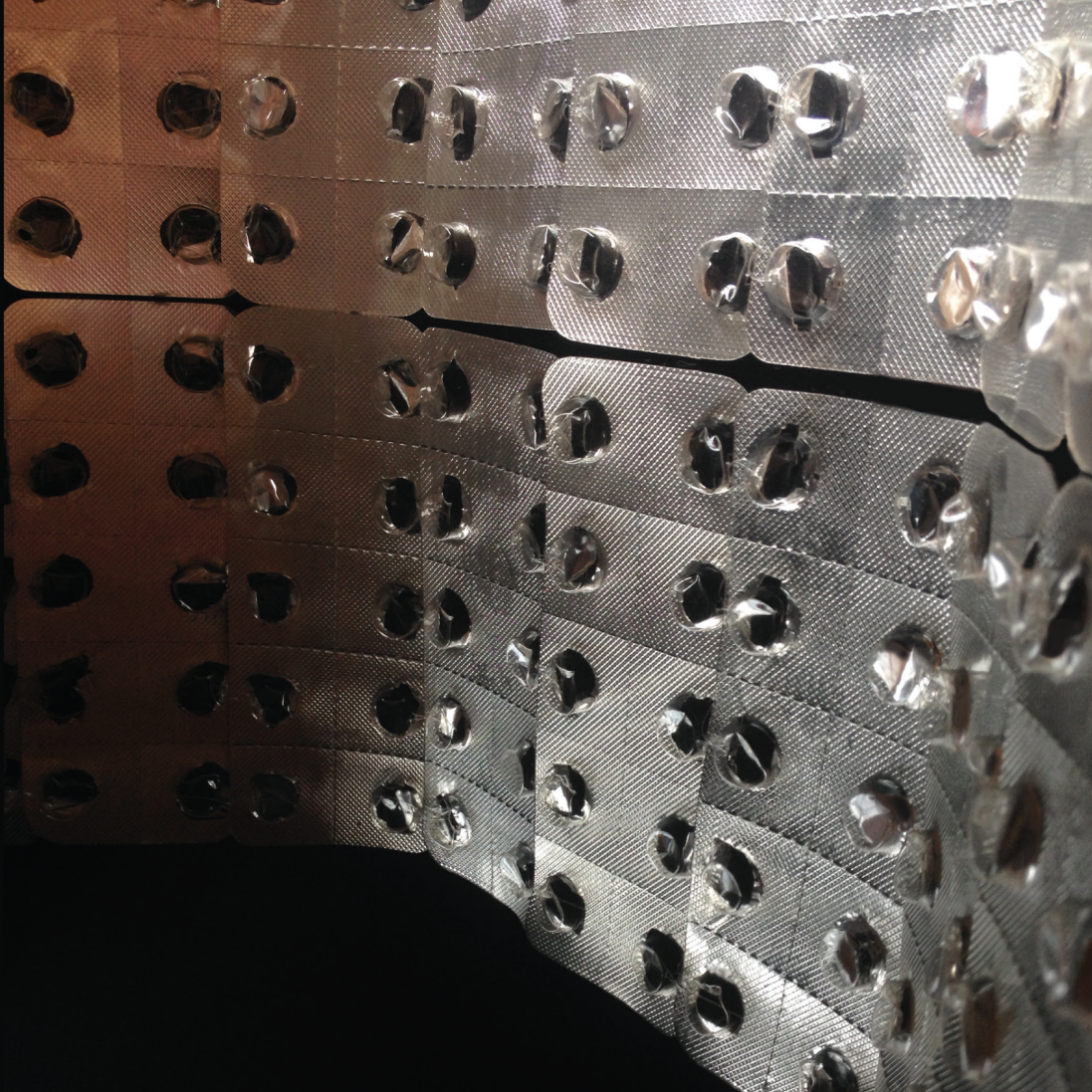


















Thaís Cristina
2015

